

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

José Pereira Santos

registada em 2009-02-04
por

Susana Pires e Jenny Campos

José Pereira Santos

José Pereira dos Santos nasceu no dia 15 de Novembro de 1928, na Benfeita. O pai era Manuel dos Santos e a mãe Lúcia Pereira dos Santos. O pai era comerciante na Benfeita, e a mãe ajudava-o. “O comércio era misto, tinha mercearia, fazendas e miudezas: meias, linhas e botões.” José teve sete irmãos. Mas já morreram cinco. Entrou para a escola ia fazer 8 anos e saiu quando ia fazer 10. Fez a segunda e a terceira classe. O pai não o deixou fazer o exame da quarta classe e depois desistiu. A esposa conhecia-a bem. Após um namoro de três meses, pediu-a em casamento à mãe. Tiveram dois filhos, que foram criados na Benfeita. José nunca saiu da Benfeita para trabalhar, a sua vida “foi sempre andar com a mula à rédea por essas serras fora, a vender fazendas”.

Índice

Identificação José Pereira dos Santos.....	4
Ascendência O comércio do pai.....	4
Casa "Casa de pedra".....	4
Educação O pai não deixou fazer a quarta.....	4
Infância Brincadeiras e trabalho.....	4
Religião Dia especial.....	5
Namoro Namoro curto.....	5
Casamento "Era uma miséria naquele tempo".....	5
Descendência Dois filhos.....	6
Percurso profissional "De terra em terra".....	6
Costumes Outros tempos.....	6
Lugar Antigamente.....	7

Identificação *José Pereira dos Santos*

O meu nome é José Pereira dos Santos. Nasci no dia 15 de Novembro de 1928, na Benfeita.

Ascendência *O comércio do pai*

O meu pai era Manuel dos Santos e a minha mãe Lúcia Pereira dos Santos. O meu pai era comerciante na Benfeita, e a minha mãe ajudava-o. O comércio era misto, tinha mercearia, fazendas e miudezas: meias, linhas e botões. Essas coisas todas.

Tinha sete irmãos. Mas já morreram cinco. E agora tenho duas irmãs vivas.

Casa "*Casa de pedra*"

Eu nasci numa casa pequena. Ainda lá vivi um tempo depois é que vim para a que estou hoje. Já estou nesta há uns 40 ou 40 e tal anos. A casa era pequena, de pedra. Tinha algumas quatro divisões. Tinha uma cozinha e a sala. A cozinha era grande. Tinha um fogão de ferro. E tinha dois quartos no andar de cima. Dormia-se aos pés da cama. Outros para cima. E era assim. E em baixo tinha um quarto e tinha uma sala. E mais abaixo ficava uma loja para arrumações.

Educação *O pai não deixou fazer a quarta*

Entrei para a escola ia fazer 8 anos e saí de lá estava a fazer 10. Andei dois anos. Fiz a segunda e a terceira classe. E não fiz mais porque o meu pai não me deixou fazer o exame da quarta classe, nessa altura, e depois desisti. A escola era no areal, onde é a casa da Junta.

Tive dois professores. Era gente boa. Mas batiam, às vezes, com uma régua. Lá tinham as razões deles.

Infância *Brincadeiras e trabalho*

Antigamente era assim. Andava-se descalço, mesmo no Inverno. O dinheiro não chegava para comprar o calçado. Brincava com os meus irmãos e outras vezes também guerreávamos e dávamos porrada uns aos outros. Às vezes, jogava-se à malha e, outras vezes, eram outros jogos. Mas já não me recordo disso. Já lá vai há 80 anos. Não havia dinheiro para comprar os brinquedos. Bolas fazia-se com uma meia. Enchia-se com farrapos ali para dentro e fazia-se assim uma bola. Não havia dinheiro para comprar.

Trabalhava-se nas fazendas. Ia-se fazer as sementeiras. Semear batatas e o milho. Ia à escola e no fim ainda se fazia qualquer serviço. Às vezes, buscar uma mão cheia de lenha ou uma mão cheia de mato. Era a vida assim. Comia-se o que dava a terra. Comíamos batatas e feijões. E umas sardinhas. E matava-se o porco que dava para todo o ano.

Religião *Dia especial*

Andei na doutrina, até aprender e aprendi-a. Não havia dia certo, era quando calhava. Eram umas mulheres que aí havia, que davam a doutrina. Fiz a Primeira Comunhão, essas cerimónias. Comungou-se e no fim íamos à confissão. Era um dia especial que havia para a Comunhão. Era diferente. Íamos à igreja comungar.

Namoro *Namoro curto*

A minha esposa conhecia-a bem. Ela era da Benfeitá. Eu namorei pouco tempo. Foram só três meses. Pedi-a em casamento à mãe, que o pai já tinha morrido, e casámos.

Casamento "*Era uma miséria naquele tempo*"

O meu casamento tinha pouca gente. Padrinho e madrinha e mais nada. A roupa era um fato domingueiro, um fato miserável que mandei fazer na aldeia. Havia um alfaiate na Benfeitá. A minha esposa ia com um vestido branco. O almoço foi na Benfeitá. Era uma miséria naquele tempo. Umhas batatas com carne fresca e pouco mais. E arroz-doce. Era o que se usava mais era o arroz-doce.

Descendência *Dois filhos*

Tivemos dois filhos. Um já morreu infelizmente. Foram criados na Benfeita. Tenho quatro netos. Dois do filho e dois da filha. Uma rapariga que está em Londres, outro está em Coimbra a trabalhar e os outros dois estão na América. A minha filha está em Arganil e o meu filho é que foi para longe, foi para a América. Já morreu infelizmente. Não quis ficar na Benfeita porque a mulher já estava na América e ele seguiu com ela.

Percurso profissional "*De terra em terra*"

Eu nunca saí da Benfeita para trabalhar. A minha vida foi sempre andar com a mula à rédea por essas serras fora, a vender fazendas. De terra em terra.

Costumes *Outros tempos*

Carne salgada e chouriça em azeite

Na matança punha-se o porco em cima de um banco e espetava-lhe a faca. Eram quatro pessoas. Três a segurar e uma a matar. A seguir desmanchavam. Estava de um dia para o outro e no outro dia salgavam-no, numa salgadeira. Punham a carne no sal para se conservar e depois iam tirando conforme iam comendo. Faziam chouriças. A chouriça põe-se em azeite, numa panela. E aí se conservavam.

Broa caseira

Não havia dinheiro para comprar o trigo. Cozia-se a broa na minha casa. Lembro-me muito bem. Amassava-se, e depois cozia no forno. O milho era o moleiro que o moía. Fazia a farinha. Com uma pedra a rodar em cima de outra que desfazia o milho todo. Era um moinho movido a água.

Dia da cobra e queima do gato

O dia da cobra era no 1 de Maio. Nesse dia não se faz nada. Vem as cobras para casa, diziam. E havia a queima do gato. Eu nunca vi mas era pôr um gato dentro de um cântaro, e pôr fogo ao mastro e o cântaro cai e o gato foge.

1620 badaladas, um símbolo

A Torre da Paz foi construída com pedras de xisto, quando acabou a guerra. Todos os anos ela dá as 1620 badaladas. Ela está destinada a dar 1620 mas não dá todas porque não tem corda para isso. Está um bocado bom a tocar o sino. Essas badaladas são um símbolo de acabar a guerra.

Ao toque do "zabumba"

No Carnaval tocavam o "zabumba", chamavam ao bombo, e andavam por aí a correr as ruas. E havia um bailarico. E, às vezes, havia dois quando havia muita gente. Tudo acabou. A Páscoa passava-se com uma coisa qualquer também. Era a missa e depois vinha o padre trazer a cruz a casa. Depois o padre levava o foliar. Era dinheiro. Géneros era pouco, era mais dinheiro. Um tanto num envelope e ele levava. O Natal passava-se despercebido. As famílias, às vezes, juntavam-se. A ceia de Natal era umas couves cozidas com o bacalhau e batatas. Faziam umas filhós. E a seguir iam juntar-se ao pé de uma fogueira. Mas eu por acaso até não ia.

Música, baile e comer e beber

A festa anual da Benfeita era a 15 de Agosto, pela Senhora da Assunção. Era música, bailaricos e comer e beber. Comia-se, às vezes uma carne fresca. Um cabrito. E doces também. Faziam o arroz-doce, às vezes uma tigelada. Outras vezes não. Naquele tempo era um atraso de vida.

Lugar Anticamente

Médicos e barbeiros

Quando alguém ficava doente chamava-se o médico ou ia-se ao médico. O mais prático era ir ao médico, a Côja. Se alguém partisse um braço havia uns cirurgiões na aldeia que encanavam aquilo e não era preciso médico, já não era preciso nada. Um era José Maria e o outro José Augusto Martins. Não eram médicos mas eram entendidos e faziam o serviço melhor que os médicos. E não ficavam aleijados. E agora, às vezes, ficam aleijados. Ligavam o braço e aquilo lá passava. Não davam medicamentos. Quem dava medicamentos era o médico. Também há chás que fazem bem. Até há pessoas que só tomam chás.

Quando uma mulher tinha um filho havia um, que era o José Augusto Martins, que esse assistia a esses partos mas depois é, claro, muitas tinham filhos sem assistências sem nada. Os meus filhos nasceram em casa. A minha esposa teve a ajuda de uma mulher que havia, uma parteira, lá a ajudou. Correu tudo bem.

A avó fazia o correio

O correio era feito por um carteiro que vinha distribuir as cartas como ainda hoje vem. Mas também havia pessoas que iam buscar o correio a Côja para a Benfeita. Era uma pessoa que havia que fazia esse serviço, que pagavam. Ia a pé. Ia e vinha a pé. Demorava duas horas daqui para Côja e duas horas de Côja para aqui. Todos os dias lá ia. E uma era a minha avó. Era rija. Chamava-se Rosa Maria. Tinha de ir, chovesse ou nevasse.

Luz da candeia e cântaros de água

Anticamente não havia luz. Era a luz da candeia. Havia a petróleo e havia a azeite, a queimar o azeite. Para andar nas ruas era com uns candeeiros que havia, chamavam um lampião. Água em casa também não havia. Ia-se às fontes buscar. Traziam nuns cântaros. De barro e de folha de zinco. As pessoas gostavam de ir à fonte, para encontrar o pessoal, para falarem. Eu ia pouco à fonte. Era mais as mulheres.

"Bem feita!"

Primeiro a aldeia era Valverde. Mas houve uns senhores que passaram lá em cima numa capela que está ao pé da torre e olharam para ela, que aquilo tem oito esquinas e puseram-se a dizer:

- "Bem feita, bem feita!"

E foi assim que ficou o nome. Foi assim que ficou o nome da Benfeira.

A alcinha das pessoas da Benfeira é Balseiros. Em quase todas as terras há assim um nome.

"As pessoas eram mais alegres"

As pessoas, antigamente, eram mais alegres. Mas parte delas já morreram. Havia ranchos na Benfeira. Era o Rancho dos Manjericos e o Rancho dos Malmequeres. Dançavam na Benfeira e, às vezes, safam. O melhor era o dos Manjericos.

"Gosto de cá viver"

Foi aqui na Benfeira onde eu nasci e aqui hei-de morrer. Gosto de cá viver. Sempre gostei da minha terra. Eu aconselho as pessoas a virem conhecer a Benfeira. Tem a torre lá em cima de Salazar. Chamam-lhe a Torre Salazar, que é a Torre da Paz. Quando construíram é que era a torre Salazar, depois mudaram-lhe o nome. Quando é no Verão está tudo cheio de gente. Vêm passar umas férias à Benfeira.